

A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA DA LEITURA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

THE RELEVANCE OF READING PRACTICE IN THE LITERACY PROCESS.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3137-1424> Ana Claudia Ortega Alonso^A
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6641-0393> Erika Karla Barros da Costa^B
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0746-2569> Arão Davi Oliveira^C
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9928-0158> Vanessa Janaina Viana de Oliveira^D

^A Universidade Estadual de Mato Grosso do SUL (UEMS), Campo Grande, MS, Brasil

^B Cento Universitário Anhanguera de Campo Grande (UNAES), Campo Grande, MS, Brasil

^C Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, Brasil

^D Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande (SEMED-CG), Campo Grande, MS, Brasil

Correspondência: Ana Claudia Ortega Alonso (anaclaudiaortegaalonso@gmail.com)

Resumo

A alfabetização e a leitura são processos que são desenvolvidos de forma indissociável na prática pedagógica. No bojo desse objeto, pretende-se responder se há efetividade da prática da leitura como elemento que auxilia o processo de alfabetização? Por isso, traçamos como objetivo: discutir como a prática da leitura pode contribuir no desenvolvimento do processo de alfabetização. Desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa, na qual utilizou-se pressupostos de Soares (2011, 2018, 2020); Ferreiro e Teberosky (1985); e Freire (1982, 1987, 1994, 1996) para analisar o dados coletados. Os resultados indicam que a leitura no processo de alfabetização torna-se uma ferramenta indispensável, pois colabora na formação do leitor, inserindo-o na sociedade letrada de forma adequada. Para tanto, é necessário que possibilitem condições favoráveis para a prática da leitura, despertando leitores críticos. A prática de leitura precisa ser estimulada para que possa ser introduzida na experiência da criança como uma atividade que promova mudança de hábito e comportamento.

Palavras-chave: Leitura; Alfabetização; Gêneros-textuais.

Abstract

Literacy and reading are processes that are developed inseparably in pedagogical practice. Within this object, the aim was to answer whether there is effectiveness in the practice of reading as an element that helps the literacy process? For this reason, we outline the objective: to discuss how the practice of reading can contribute to the development of the literacy process. A bibliographical and documentary research was developed, with a qualitative approach, in which assumptions by Soares (2011, 2018, 2020) were used; Blacksmith and Teberosky (1985); and Freire (1982, 1987, 1994, 1996) to analyze the collected data. The results indicate that reading in the literacy process becomes an indispensable tool, as it collaborates in the formation of the reader, inserting him in the literate society in an adequate way. Therefore, it is necessary to provide favorable conditions for the practice of reading, awakening critical readers. The practice of reading



needs to be stimulated so that it can be introduced into the child's experience as an activity that promotes a change in habit and behavior.

Keywords: Reading; Literacy; Textual genres.

Introdução

O ato da leitura é uma ação que desencadeia um modo de viver socialmente mais democrático e crítico. A leitura e a escrita podem ser aliadas para uma vivência social ética e articulada com cultura local, por proporcionar o desenvolvimento do letramento em seus aspectos mais amplos para o entendimento do mundo que se vive.

O presente trabalho justifica-se por oferecer uma discussão sobre como a leitura interfere de forma positiva e produtiva no processo da alfabetização, também por contribuir, para a formação e atuação do profissional da pedagogia, buscando repensar metodologias efetivas para a aquisição da língua escrita a partir da leitura, principalmente, na alfabetização, podendo auxiliar no aprendizado, possibilitando assim uma troca entre teoria e prática.

Entende-se que a leitura e a língua escrita são processos indissociáveis que não é possível ser realizado de forma independente, pois é a base da educação no desenvolvimento e na construção do indivíduo. Sendo assim, este trabalho procura responder a seguinte problemática: há efetividade na prática da leitura como elemento que auxilia o processo de alfabetização? Desse modo, o objetivo dessa pesquisa é discutir como a prática da leitura pode contribuir no desenvolvimento do processo de alfabetização.

O caminho metodológico utilizado para orientar este trabalho foi um estudo de cunho qualitativo, baseados em pesquisa bibliográfica e documental. Os principais teóricos que fundamentaram as análises: Magda Soares, Antônio Cândido, Paulo Freire, Emília Ferrero e Ana Teberosky, com o objetivo de compreender o uso da leitura no processo da alfabetização, visando contemplar o tema proposto, considerando e proporcionando resultados úteis na área da educação.

Dessa forma, esse trabalho encontra-se estruturado em três seções além da introdução e das considerações finais: a primeira seção aborda os principais teóricos que explanam sobre a importância da leitura na alfabetização e a legislação vigente, o desenvolvimento de uma política de formação de leitores e promoção da democratização da leitura; na segunda seção trata-se sobre os principais aspectos dos Gêneros Textuais, enfatizado que a leitura proporciona a capacidade de adquirir o domínio do código da escrita, bem como suas técnicas e habilidades; Por fim, na terceira seção discute-se a troca entre teoria e prática e como a leitura pode contribuir no processo de alfabetização, apresentando a importância da aplicação de metodologias.

A importância da leitura na alfabetização

Nas últimas décadas, a literatura brasileira em geral tem produzido trabalhos de boa qualidade nos formatos de livros, jornais, textos disponíveis em meios eletrônicos entre outros com as mais diversas temáticas e abordagens. No entanto, para que estes produtos linguísticos ganhem espaço e influencie os leitores, faz-se necessária a formação desses leitores. É preciso que por meio do estudo do texto o aluno passe a ler o que estiver à sua disposição de forma crítica e reflexiva, promovendo, assim, a democratização da leitura.

A formação leitora das crianças pode ser desenvolvida por meio de atividades que enfoquem a linguagem oral como rodas de conversa e contação de histórias. É possível também estimular as habilidades de escrita e leitura fazendo com que as crianças conectem suas experiências pessoais com as explicações das leituras e o levantamento de hipóteses sobre os textos.

Por isso, torna-se importante que o educador ao ler uma história para seus alunos, desenvolva não só a leitura, mas também, a fala, a escuta, e a escrita. Esses conhecimentos auxiliam a direcionar suas práticas de forma consciente, aumentando as próprias possibilidades de como trabalhar.

Na visão de Soares (2011), alfabetizar é dar ao sujeito o poder de desenvolver a capacidade da leitura e da língua escrita, adquirindo a competência de codificação e suas técnicas, e da promoção das habilidades de utilização das mesmas, como também na evolução da compreensão e da interpretação no uso dessa linguagem. cabe destacar que ocorreram alterações nas práticas sociais a partir do entendimento e utilização da alfabetização enquanto ferramenta social para promover instrumentalização da língua, isso, representou “uma mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra” (Soares, 2011, p. 29).

Entende-se, nesse trabalho, que a palavra alfabetização significa a capacidade de ir muito além no processo da língua escrita, como também de adquirir a função social, de fornecer possibilidades de se formar e transformar estudantes em sujeitos críticos e autônomos. Ao ser alfabetizado o sujeito passa a saber usar a leitura e a escrita na vida cotidiana, ler livros, revistas, jornais, isto é, compreender o que se lê e se escreve sem adicionar apenas sílabas adquirindo capacidade de acessar informações do mundo cultural e utilizá-las de forma criteriosa.

Nesse contexto, um indivíduo instruído está apto e com plenas condições para que

tenha um desenvolvimento pessoal e participativo no meio em que vive. Ferreiro e Teberosky (1985, p. 275) com base na teoria piagetiana defendem que “[...] é apto para compreender os processos de apropriação de conhecimentos envolvidos na aprendizagem da leitura- escrita. Dizemos apropriação do conhecimento, e não aprendizagem de uma técnica.” Entretanto as autoras enfatizam que essa apropriação é uma atividade cognitiva que significa “um processo ativo de reconstrução por parte do sujeito que não pode se apropriar verdadeiramente de um conhecimento senão quando compreendeu seu modo de produção, quer dizer, quando o reconstituiu internamente” (Ferreiro; Teberosky, 1985, p. 275).

Estar atento em como a criança constrói seu conhecimento é imprescindível, pois auxilia o educador a compreender como o aluno está se comunicando e se familiarizando com esse processo, principalmente como essa criança está compreendendo a leitura e a língua escrita.

Freire (1994) defende que a alfabetização, vai além do dominar o código da escrita, sua visão a respeito desse conceito era mais ampla, possibilitando uma leitura crítica da realidade. Defende a ideia de letramento a partir do qual o indivíduo desenvolve a leitura de mundo antecedendo a façanha da aprendizagem da leitura e da escrita.

Portanto, essas habilidades não se resumem na capacidade de combinar letras em sílabas, combinar sílabas em palavras e assim formar sentenças e frases a fim de criar textos, mas também a capacidade de compreender o que lê e escreve, ter um critério de entendimento, perceber se a escrita é consistente ou não ao afirmar que o sujeito é habilidoso.

A progressão dos estudantes na alfabetização e processo marcado por avanços e retrocessos, mas que podem ser conhecidos pelos professores como destaca Ferreiro (2001). Para essa autora esse processo está cercado de aventuras e incertezas, mas que como qualquer domínio cognitivo é preciso manter as expectativas sob controle para não atropelar processos necessários para a consolidação desse processo de conhecimento, e uso da língua.

Na escola, torna-se importante para evolução no processo de alfabetização que as crianças mantenham uma interação constante com as propriedades sociais de escrever, ler e compilar textos significativos, levando-as a ouvir as histórias de sua preferência e, assim, inspirar e desenvolver suas habilidades interpretativas e imaginativas. A alfabetização envolve a aprendizagem da escrita pelo sujeito, enquanto o letramento se concentra na aquisição dos aspectos sociais e históricos do sistema escrito pela sociedade.

Pessoas culturalmente letradas, leem histórias com livros nas mãos, são movidas por elas e se tornam maiores parceiros ds personagens. O letramento significa muito mais que ler, é ter compreensão do que foi lido, é viver em um mundo mágico, é poder compreender sua essência e fazer parte da história. O letramento como a compreensão do mundo ao seu redor por meio das palavras, das frases, dos textos, dos gestos de cada cultura foi algo que Freire (1987) defendeu. Entretanto condenava o tratamento dos estudantes como algo a ser preenchido por outro algo pronto e acabado. Em suas palavras, afirma que “a narração, de que o educador é sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem enchidos pelo educador” (Freire, 1987, p. 57).

Esse processo não ocorre somente dentro de sala de aula, como também em diferentes espaços de convivência, o que envolve e permite o contato com diversos tipos de leitura, levando à compreensão desses textos. Portanto, torna-se importante que a escola oportunize possibilidades de desenvolvimento do letramento por meio da leitura, seja em atividades dentro da escola, mas também em ambientes não escolares, que possa estimular o pensamento e a reflexão sobre o significado social e cultural das palavras, frases textos e outras formas de expressões não verbal que cerca o estudante.

Na próxima seção são apresentadas algumas reflexões sobre possibilidades de uso de gêneros textuais como auxílio para o desenvolvimento da alfabetização, da leitura e, em maior medida, do letramento do estudante.

Os principais aspectos dos gêneros textuais que auxiliam no aprendizado

Como ferramenta de ensino para a aprendizagem, o gênero textual torna-se grande aliado para atender as necessidades de desenvolvimento dos alunos, baseado no desenvolvimento das habilidades de comunicação e nas competências da leitura, fala ou escrita.

Dentre as tantas perspectivas dos gêneros textuais que procuram organizar as metodologias de ensino aprendizagem, a introdução dos gêneros textuais como objeto de ensino, tem se mostrado um aliado de para o desenvolvimento de domínios cognitivos como a competência leitora e a produção textual, por ajudarem a organizar diversas atividades da comunicação do cotidiano do estudante. Nas palavras de Marcuschi (2005, p. 19) “No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da

ação criativa”. Significa dizer que são eventos textuais flexíveis e facilmente adaptados às necessidades e atividades sociais das pessoas com as quais os estudantes convivem, o que permite o enriquecimento da prática pedagógica com objetivo de promover aquisição de habilidades ligadas à escrita, à leitura visando o letramento.

O principal propósito da relevância do gênero textual é mostrar sua importância nos métodos de ensino e, como estratégia privilegiada na prática pedagógica, o trabalho de gêneros textuais devem ter uma vantagem, além de propor estratégias diferenciadas de leitura e escrita para auxiliar na aprendizagem do vocabulário, principalmente na aprendizagem da gramática.

Destaca-se alguns gêneros textuais trabalhados na escola e citados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como: notícias, ensaios, poemas, reportagens, histórias, crônicas, comédias, ingressos, cartas, música, drama, acrobacia, receitas, desenhos animados, constelações, e-mails, mensagens de texto, debates, seminários, histórias em quadrinhos, etc. Todos esses gêneros compõem um repertório de possibilidades para desenvolver atividades em sala e fora dela, entretanto cabe aos professores entender e se fazer entender que os textos não se criam do vazio, cada texto tem sua origem e objetivo. Ou seja, fica determinado pelo contexto e requer a capacidade de articular gênero e adaptá-lo às intenções do autor, bem como o conhecimento do interlocutor, para que haja um diálogo entre o autor e o leitor.

Marcushi (2005) defende que os gêneros textuais são construções teóricas caracterizados por propriedades linguísticas específicas, ou podem apresentar sequências de enunciados, ou seja não são textos empíricos. Assim. “sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbais; designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção” (p. 23).

Quando esses conceitos passam a fazer parte da prática de sala de aula, e quando professores e alunos se veem como parte desse comportamento social e meio de interação. Desse modo, as atividades que se estabelecem nesse meio requerem o uso consciente da linguagem em suas diversas formas de uso. Assim, o uso da linguagem transcende os muros da escola e ganham uso e significados diversos em espaços diferentes, por atores diferentes enriquecendo tanto a compreensão da cultura quanto as possibilidades de uso da língua, inclusive em fases iniciais como na alfabetização.

A referência ao termo gênero textual, dada a sua repetição no cotidiano e principalmente nas aulas de língua portuguesa, nos remete às diferentes formas, características e linguagens de variados textos, orais, escritos, tradicionais ou digitais, que se integram a uma relação de comunicação e interação social entre as pessoas.

Diante disso, tomamos como exemplos as seguintes categorias: histórias, lendas, fábulas, poemas, menus, desenhos animados, histórias em quadrinhos, tirinhas, notícias, reportagens, resenhas, e-mails, receitas, enfim, listas intermináveis em termos de uso e praticidade, varia do mais simples ao mais complexo. O termo gênero, antes usado apenas como referência em textos literários, agora tem um significado mais amplo.

Os gêneros textuais são todos os textos sejam eles orais e escritos que circulam socialmente e são projetados para influenciar o processo de comunicação verbal e interação entre os indivíduos. O que também faz parte da discussão quanto à função social do gênero, uma vez que possibilita a interação e a convivência na sociedade.

Desse ponto de vista, os gêneros passam a ser extremamente pragmáticos e contextuais. Trata-se, portanto, de um conceito que não se refere apenas a um dos aspectos didático-metodológicos do ensino do português em sala de aula, mas sim a um conceito intimamente relacionado à constituição do sujeito na sociedade, a partir da atividade interativa, influenciado principalmente pela língua.

Portanto, torna-se necessário que a aula de Língua Portuguesa foque no uso do gênero textual, e atente para o uso efetivo da linguagem pelos métodos de interação social, ou seja, a língua como forma ou processo de interação linguística. A BNCC prevê o uso de gêneros textuais para formação de leitores já nos 1º ao 2º ano do Ensino Fundamental, envolvendo campos diversos campos da vida considerando situações comunicativas que envolvam tema/assunto/finalidade de cada gênero trabalhado (Brasil, 2017).

Schneuwly e Dolz (2004) já defendia que os gêneros textuais são possibilidades de mediações linguísticas que estabelecem comunicação as quais contribuem para o desenvolvimento progressivo de significados sociais diversos. A análise das características dos gêneros textuais “fornece uma primeira base de modelização instrumental para organizar as atividades de ensino que esse objeto de aprendizagem requer” (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 51).

Os métodos de ensino devem ser inseridos de forma prática para garantir que o gênero textual apareça como um aliado concreto no processo de ensino, em função dos

resultados a alcançar, é a capacidade de testar as habilidades de leitura, escrita de textos e a oralidade dos alunos. O aprimoramento dessas habilidades tem a tendência de ser 'responsabilidade' do professor, por meio de estratégias didáticas e metodológicas.

A relação que se estabelece entre autor-texto-leitor advém desse processo interativo, em que o leitor coloca em prática a escuta ativa e seus conhecimentos prévios para dar sentido ao conteúdo lido, para que possa compreender a intenção e atentar para as marcas e pistas deixadas pelo autor (Antunes, 2003).

Esta perspectiva não só fornece a possibilidade de decodificar mecanicamente símbolos gráficos para situações de leitura, mas também garante uma visão geral do texto como uma capacidade de leitura. Para tanto, é necessário priorizar a capacidade de compreensão e de explicação no processo de leitura, sob a qual o aluno deve integrar gradativamente suas habilidades de linguagem e comunicação, que são as mais importantes na pesquisa em gêneros textuais.

Em torno desta discussão, que dá sentido aos gêneros textuais no processo de ensino e aprendizagem e reconhece o seu alcance inesgotável, surge, portanto, uma preocupação em quanto ou quem poderá ser responsável pela seleção desses textos, em que se possa encontrar um equilíbrio e fazer da prática pedagógica com esses instrumentos um meio educacional significativo.

Neste contexto, o professor deve atuar como um mediador que, além de propor diferentes metodologias de leitura e redação de textos, promove atividades que visam aprofundar o estudo de um texto e seus diversos gêneros na perspectiva de seu funcionamento e estrutura, levando em consideração os significados que eles geram, a fim de tornar seu aluno competente para reconhecê-los e utilizá-los nos diversos espaços de comunicação social.

Considerando o exposto acima, a pesquisa baseada em gênero textual não apenas auxilia o ensino e a aprendizagem da língua, mas também fornece instrumentos de compreensão e incentiva a leitura, a escrita e a oralidade. Cabe, portanto, ao professor escolher os gêneros de acordo com o nível de aprendizagem dos seus alunos.

Voltando a destacar habilidades previstas na BNCC para os 1º e 2º, com intuito de formar leitores deve-se “buscar, selecionar e ler, com a mediação do professor (leitura compartilhada), textos que circulem em meios impressos ou digitais, de acordo com as necessidades e interesses” (Brasil, 2017, p. 97).

A importância da Leitura e do uso de gêneros textuais em processos de alfabetização possibilita a apreensão de padrões gramaticais e “peculiares à escrita, que apreendemos as formas de organização sequencial (como começam, continuam e acabam certos textos) e de apresentação (que formas assumem) dos diversos gêneros de textos escritos.” (Antunes, 2003, p. 75).

Portanto, é na escola que se desenvolve a socialização do saber, e é na escola que o aluno vai definir o uso e o contexto em que cada gênero é empregado socialmente, tanto na oralidade, quanto na escrita, ao se trabalhar os gêneros textuais de forma contextualizada, levando em consideração os fatores que faz com que esse gênero ocupe uma parte considerável no cenário social. Assim, é possível trabalhar as diferentes manifestações da linguagem, a partir da diversidade de texto de forma que atenda às necessidades básicas dos alunos ao aplicar a linguagem nas práticas sociais, inserindo as metodologias de ensino, onde o sujeito se torna capaz de percorrer entre a troca da teoria e da prática de maneira consciente e reflexiva.

Nesta seção abordamos os principais aspectos dos gêneros textuais que auxiliam no aprendizado. A seguir, na seção 3, trataremos da leitura como contribuição no processo de alfabetização, enfatizando a troca entre teoria e prática.

A contribuição da leitura no processo de alfabetização

Pensar a leitura nos processos de alfabetização requer o entendimento da interrelação desses processos linguísticos, pois a aquisição do sistema convencional de escrita por meio da alfabetização é necessário para se desenvolver a leitura e a escrita, assim como elementos iniciais de compreensão da escrita e da leitura são necessários para o processo de alfabetização.

Soares (2004) aponta como equívoco a dissociação da alfabetização do letramento porque a iniciação da criança e do adulto em atividades de escrita e leitura ocorrem como estaca a atora, simultaneamente nesses dois processos:

pela aquisição do sistema convencional de escrita a alfabetização - e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (Soares, 2004, p. 14).

Importante destacar que são necessárias estratégias didáticas para se trabalhar

alfabetização e letramento. Barbosa (1992) destaca que no ato da leitura estão envolvidas algumas estratégias:

formulação de hipóteses sobre o significado do texto; antecipação do sentido do texto, que se configura à medida que se avança na leitura; verificação dessa antecipação, dando sequência à leitura, para confirmar ou modificar as hipóteses formuladas e reorientar ou não a previsão do sentido já feita; utilização de vocabulário visual de base (das palavras ortograficamente normatizadas). Para desenvolver e concretizar todas essas estratégias no ato da leitura, o leitor deve mobilizar o conjunto de conhecimentos que já possui sobre linguagem, sobre o léxico da língua escrita e tudo aquilo que acumulou na sua experiência de vida. (Barbosa, 1992, p. 131).

É importante ressaltar que a leitura é a base do processo de alfabetização e da formação da cidadania. Nesta perspectiva, os professores precisam desenvolver estratégias que permitam ao aluno entender o significado do ato de ler. A leitura proporciona trabalhar as potencialidades individuais e coletivas. Cabe ao professor ter uma postura de buscar atualização de ferramentas articuladas com o desenvolvimento sociocultural do mundo que vive para que a formação de leitores seja significativa, ou seja, que faça sentido para a sociedade que vive em seus aspectos sociais e tecnológicos.

A leitura funciona como um meio para apreensão da realidade que vive o estudante, também as várias linguagens devem ser estimuladas para que a comunicação e o entendimento de mundo possa ser desenvolvido, de modo que a ação do estudante enquanto sujeito histórico, ou seja, que participa da sua própria construção como sujeito, de forma crítica, reflexiva e emancipada.

Freire (2003) exemplifica possibilidades de como se lê o mundo que vive:

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é uma outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados (Freire, 2003, p. 5-6).

O envolvimento do professor com a leitura é elemento que fortalece a relação do seu aluno com o professor e com a leitura, aumentando o interesse e o desejo das crianças e adultos em fase de alfabetização. Desse modo, o professor deve se comprometer com a ação de demonstrar a importância da leitura para entendimento do mundo no qual seus alunos vivem. Ao fazer isso, estimula reflexões que conduzem um processo de desenvolvimento intelectual, crítico e criativo do educando. Para Freire (1982, p. 8) “você não ensina propriamente a ler, a não ser que o outro leia, mas o que você pode testemunhar ao aluno

como você lê e o seu testemunho é eminentemente pedagógico”. Por isso, cabe ao professor conhecer textos e gêneros textuais que sejam apropriados as necessidades dos estudantes, respeitando seus estágios de desenvolvimentos, tornando o diálogo possível.

Com isso, é importante que o aluno conheça os objetivos que se pretende alcançar, pensar e sentir e que pode fazê-lo, reconhecendo que tem os meios necessários e a possibilidade de pedir e receber a ajuda precisa e se tornar interessante o que se propõe que ele faça. Um dos fatores que contribuem para o interesse da leitura é que o material ofereça a criança certos desafios.

É importante que o professor sempre considere o conhecimento anterior dos estudantes frente aos conteúdos propostos, sobretudo para se conhecer o significado e experiências que cada um traz para socializar com os demais colegas de sala. Situações reais de leitura também são motivadoras. Resgatar leituras que fazem parte do cotidiano dos alunos e explorar esses materiais, mostram aos alunos que a leitura é uma prática social, portanto, significativa em suas vidas.

O professor pode aproveitar e introduzir então ideias como previsão, dedução, inferência, etc. Importante destacar que o envolvimento afetivo social da criança com a língua também se constitui como fator motivacional. Isso ocorre, em certa medida, devido a cultura da leitura e da escrita percebida pelos alunos e cultivada pelas pessoas ao seu redor como professores, amigos e parentes. Vale ressaltar que quando essa ação parte do professor com propósito de ensino escolar o texto precisa ser escolhido e preparado com antecedência e objetivo definido.

Soares (2020, p. 229) destaca que “a leitura de um texto, seja qual for o gênero, deve ser sempre preparada com antecipação pela/o professora/or. A escolha do texto seguindo critérios discutidos anteriormente já prepara a/o professora/or para orientar a leitura e interpretação pelas crianças”. O aluno precisa ter alguns indícios de que sua atuação em relação à tarefa de leitura será eficaz para que se sinta motivado.

Além de todo trabalho de promoção da leitura em sala de aula, os alunos devem ser incentivados a frequentar locais de leitura como a biblioteca escolar, bibliotecas públicas, ou outras possibilidades de leituras em meios digitais. É importante que o professor direcione as pesquisas que precisa, para fazer e a utilização dos recursos disponíveis como localização de livros, informações; escolha, registre e anote o que lê. Ao usar este exercício, pode ver a dificuldade que a maioria dos alunos tem em fazer pesquisas por conta própria na biblioteca.

A biblioteca em sentido lato passa funcionar como uma espécie de “centro cultural”, do qual se pode acessar uma infinidade de possibilidades de conhecimentos de diversas culturas e formas de expressão presentes na própria cultura. Desse modo, torna-se relevante a realização de uma programação de trabalho com toda a equipe escolar, incluindo atividades diversas e significativas, sem perder o foco na investigação contínua da leitura. No desenvolvimento deste programa, a disseminação dos recursos da biblioteca, como um meio de aproximar alunos e livros.

No dizer de Freire (1989) ao ler e na biblioteca o estudante transcende os processos alfabéticos que são requeridos na leitura, como o domínio das letras, sílabas e palavras. Desse modo, o estudante passa a fazer uma leitura do mundo. Em consonância com o pensamento de Freire (1989), Neves (1998, p. 223) destaca que essa leitura do mundo por meio da leitura em ambientes como e a partir da biblioteca requerem do estudante “uma gama de processos mentais que lhe permitirão apreender, rememorar, associar, compreender, interpretar e assimilar, para, em sequência, reelaborar, de uma ou várias formas, sequencial ou simultaneamente, a mensagem que se lhe apresenta”. O uso de diferentes recursos possibilita diferentes experiências e visões de mundo.

As metodologias utilizadas nas escolas têm sido uma preocupação constante nas discussões de pesquisadores do currículo e das práticas pedagógicas, pois torna-se necessário o desenvolvimento da fluência na leitura, na compreensão de textos e da língua escrita e falada. Espera-se que as redes de ensino deem conta de promover uma educação que alcance resultados que permitam aos alunos desenvolverem a capacidade e hábito de se expressar, como ferramenta de aprendizagem, de usar informações contidas em textos, bem como de compreender e averiguar com olhar crítico o emprego do vocabulário como portadora de valores, de classe, religião, gênero ou origem étnica.

Por essa ótica, cabe ao professor alfabetizador utilizar em sala de aula, diversos tipos de textos de forma lúdica, não somente focar na aplicação dos livros de cunho pedagógico, dessa forma usufruir de diferentes formatos para melhor ensinar, abrindo sempre uma série de oportunidades, possibilidades, e criar métodos efetivos conforme as particularidades de cada um, envolvendo principalmente a criação e a elaboração da língua escrita, promovendo assim uma alfabetização eficaz e significativa.

Assim, verifica-se a importância da leitura como ferramenta de mediação do desenvolvimento da linguagem da criança na escola, contribuindo para que esteja cada vez

mais presente na vida dos alunos, de forma a trazer para o contexto escolar a diversidade de gêneros textuais disponíveis. A prática da leitura promove acesso a infinitas possibilidades de informações e conhecimentos do mundo, além de contribuir para o desenvolvimento da escrita pela incidência e familiarização com as palavras e seus significados. Tudo isso possibilita aos estudantes condições de responderem às demandas e às necessidades da sociedade contemporânea.

Considerações finais

Essa pesquisa teve como objetivo discutir como a prática da leitura pode contribuir no processo de alfabetização. Contemplou-se o levantamento sobre os principais teóricos que explanam sobre a importância da leitura na alfabetização e a legislação vigente; também, os principais aspectos dos Gêneros Textuais, que auxiliam no aprendizado; além de abordar as possibilidades da troca entre teoria e prática de leitura para o processo de alfabetização.

Com base nos dados coletados e analisados a luz dos teóricos apresentados pode-se afirmar que o contato com diferentes textos proporciona uma experiência educacional que se reflete em seu cotidiano e em temas relacionados à alfabetização, de modo que a criança também se aproxima da leitura e da escrita quando vivencia o contato com diferentes textos.

Na escola, a leitura precisa ser utilizada como um objeto de provocação do desejo, do imaginário, e da expressão simbólica. Ou seja, estimular a encontrar uma imagem simbólica para dar conta do que eles sentem, do que eles percebem, do que eles sofrem diante de um texto, ou mesmo diante de um teatro, diante de uma música, dentro de um contexto. Com isso, a interação entre o leitor e o texto é a mesma que entre a literatura e a vida. Assim, a literatura anima as questões que devemos responder com nossa própria experiência e com as inúmeras outras leituras que temos, incluindo a leitura de mundo.

Considera-se que ao inserir diferentes gêneros textuais no processo de alfabetização e letramento o professor promove desenvolvimento cognitivo e psicossocial nas crianças, pois pela diversidade de elementos sociais e linguísticos que esses textos oferecem, promovem desenvolvimento das habilidades de alfabetização e letramento.

Desse modo, toda prática de leitura e escrita é uma prática de sensibilização que permite ao indivíduo, por meio da leitura do mundo e das palavras, transformar sua consciência ingênua em consciência crítica, pois não basta ler e escrever, é preciso ter uma concepção crítica do mundo em que vivemos.

Referências

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1992.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais. Acesso em 24 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13696-12-julho-2018-786975-publicacaooriginal-156036-pl.html>. Acesso em: 20 jan. 2024

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. v. 2. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação Nacional. 2017. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

CANDIDO, Antônio. Direito à Literatura. In: LIMA, Aldo. de. et. al. **O Direito à Literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p. 17-40.

CHAVES, Iduina Mont'Alverne Braun; COZZI, Tânia de Rezende. Acolhendo o diálogo entre Letramento e Literatura Infantil. **Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, São Paulo, ano 2, n. 3, p.63-75, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reaa/article/download/11470/13238/14344>. Acesso em 06 dez.2023.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. Tradução de Marisa do Nascimento Paro e Sara Cunha Lima. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Da leitura do mundo à leitura da palavra**. Leitura: teoria e prática. Porto Alegre: Mercado Aberto, nov. 1982.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt Neves (orgs.). **Ler e Escrever**: compromisso de todas as áreas. 8. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, v. 1, jan-abr, 2004. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2023.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: A questão dos métodos. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: Toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo e Glais S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Formação social da mente**. Martins Fontes. São Paulo.